

ANDERSON KENNEDY SANTOS SOUZA

**Pobreza e morte em personagens de Fialho de
Almeida: sobre o conto “A ruiva”**

BRASÍLIA
2025

Pobreza e morte em personagens de Fialho de Almeida: sobre o conto “A ruiva”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito para obtenção de título de licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Resumo

Esse trabalho pretende investigar a relação entre pobreza e morte no conto “A ruiva”, publicado no livro *Contos* (1881), pelo escritor português Fialho de Almeida. A análise da obra foi feita a partir da perspectiva da Tanatografia, conforme cunhada pelo pesquisador Augusto da Silva Júnior, da Universidade de Brasília, estabelecendo, então, uma relação entre as personagens, o espaço e o desenvolvimento da narrativa sobre a visão da pobreza estabelecida pela visão marxista e da morte a partir das considerações do historiador Philippe Airès, especificamente quanto ao século XIX. Desta forma, busca-se entender como o autor utilizou de sua linguagem satírica e ácida para denunciar as mazelas da sociedade portuguesa em sua criação literária.

Palavras-chave: Fialho de Almeida; Literatura Portuguesa do século XIX; Tanatografia; Conto; Pobreza; Morte

Abstract

This work aims to investigate the relationship between poverty and death in the short story *A Ruiva*, published in the book *Contos* (1881). The work was analyzed from the perspective of Thanatology, as coined by researcher Augusto da Silva Junior, from the University of Brasilia, establishing a relationship between the characters, the space and the development of the narrative on the view of poverty established by the Marxist view and death from the view of historian Philippe Airès, specifically in the 19th century. In this way, we seek to understand how the author used his satirical and acidic language to denounce the ills of Portuguese society through his literary creation.

Keywords: Fialho de Almeida; 19th century Portuguese literature; Thanatology; Short story; Poverty; Death

Sumário

POBREZA E MORTE EM PERSONAGENS DE FIALHO DE ALMEIDA: SOBRE O CONTO	
“A RUIVA”	7
O Autor	8
O gênero conto.....	9
A Ruiva: pobreza e morte.....	10
Considerações Finais.....	27
REFERÊNCIAS	28

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Ana Clara Magalhães de Medeiros, pelo apoio e apontamentos essenciais nesse trabalho.

À minha namorada, Isabela Luiza Gomes de Lima, que ao longo dos meus anos de graduação esteve sempre ao meu lado, nas mais árduas batalhas do dia a dia, por nunca ter desistido de mim, e que além de tudo, é a razão da minha alegria.

À minha família, especialmente à minha mãe, Maria do Socorro Gomes dos Santos, e a meus irmãos, Hannery Gomes dos Santos e Kathellyn Beatriz Santos Souza, que mesmo estando distante nos últimos anos, tem sido a razão da minha busca pelo melhor em nossas vidas.

Aos meus amigos, que fizeram o percurso da graduação ser mais agradável e para sempre memorável, mesmo com aulas até quase meia-noite de uma sexta-feira. Agradecimento especial à Letícia Teles, Ítalo Souza, Marcelo William, Lorena Mendes, Kedna Medeiros, Valmir Júnior, Emily Machado, Kingsley Moraes, Kamylla Bianca, Rafaela Rodrigues e Júlia Santos.

A todos, o meu MUITO OBRIGADO e meu carinho eterno.

“Soares confiou-lhe tudo; leu-lhe a carta do banqueiro; mostrou-lhe em toda a nudez sua miséria. Disse-lhe que naquela situação não via solução possível, e confessou ingenuamente que a ideia do suicídio o havia alimentado durante longas horas.

– Um suicídio, exclamou Pires –; estás doudo.

– Doudo! – respondeu Soares –; entretanto não vejo outra saída neste beco. Ademais, é apenas meio suicídio, porque a pobreza já é meia morte.”

POBREZA E MORTE EM PERSONAGENS DE FIALHO DE ALMEIDA: SOBRE O CONTO “A RUIVA”

Personificado e deificado em uma entidade religiosa pelos gregos antigos, Tânatos é o deus que representa a morte no período Clássico da Europa. Por conseguinte, torna-se clara a sua escolha como figura representativa dessa característica na escrita ocidental. A morte é algo que acompanha a literatura desde suas obras inaugurais no ocidente, os poemas épicos: *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, que são narrativas de guerra, glória e morte, exemplificam bem a frequência do tema dentro da literatura. Ainda na Antiguidade Clássica, a morte ganha outras nuances a partir da obra satírica *Diálogos dos Mortos*, de autoria atribuída ao romano Luciano de Samósata, que utilizou personagens da Guerra de Troia para abordar aspectos sociais, morais e psicológicos no além-mundo de Hades.

Avançando vários séculos e atravessando um oceano, no cânone literário brasileiro, Machado de Assis, é responsável por inaugurar o defunto autor, Brás Cubas, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880/1881). Sua importância é fulcral para a análise da morte dentro da perspectiva literária, segundo Augusto Silva Júnior (2014):

[...] toda esta conversa começa com Machado de Assis. Esta teoria da tanatografia é uma teoria do literário e não da literatura (na sua acepção formalizada e formalista). É uma *reconstrução dialógica* de uma crítica polifônica que nasce de um romance: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Nasce de Machado porque ele conjugou vários elementos da tradição de defuntos personagens e a ultrapassou ao inserir um defunto autor na representação do aniquilamento (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 3)

Dentro dessa perspectiva teórica do literário, cabe analisar diversos autores que também trazem à tona a questão da morte. Devido às vastas possibilidades de leitura, como por exemplo, a relação que existe entre a condição social e o trespasse, esses dois fatores possuem uma relação de contiguidade que não deve passar despercebida.

Essa relação é bastante evidente no conto *A Ruiva* (1881), de Fialho de Almeida, autor português do fim do século XIX, que, infelizmente, não é devidamente lembrado por suas produções literárias. Seja pela ausência de romances em suas

obras, pelas suas críticas ácidas ou até mesmo devido à utilização do grotesco, o autor, em sua época, não alcançou o reconhecimento literário que poderia, tampouco o logrou postumamente.

O Autor

Apesar de o próprio autor, Fialho de Almeida, afirmar ser um indivíduo que se orgulha de não ter história (em *Eu Autobiografia*, de 1903). Até por isso mesmo, faz-se necessário uma pequena introdução biográfica dessa figura, ainda pouco conhecida da literatura portuguesa. José Valentim Fialho de Almeida foi um escritor português do século XIX, nasceu em Vila de Frades no ano de 1857. Seu pai era professor de ensino primário, e, portanto, cuidou dos rudimentos de sua educação inicial. Em 1866, a fim de dar continuidade aos estudos, seu pai o matriculou no Colégio Europeu situado no Largo do Conde Barão, em Lisboa. A situação do ensino e das escolas de internato portuguesas foram constantes alvos de críticas em seus textos, como acontece na crônica sem título datada de 9 de julho de 1890 presente na coletânea *Os Gatos* (1889-94):

Quero só voltar a atenção para outra chaga adstrita à educação da adolescência, e bem mais perigosa do que aquela, pois ameaça aniquilar nas origens mais puras da vida as futuras gerações, a quem competirá por herança o guiar, dentro de alguns anos, a já combalida e gafada sociedade portuguesa. (ALMEIDA, 1893, p. 27)

Após seis anos no internato, as condições financeiras da família pioraram e foi necessário largar a escola para dedicar-se ao trabalho, a fim de arcar com os gastos da própria sobrevivência. Fialho de Almeida trabalhou por sete anos em uma farmácia em condições de subsistência ainda piores que as do internato. No entanto, esse trabalho o possibilitou a entrar em contato com o povo de Portugal, conheceu gente de todo tipo e viu as feridas da cidade de Lisboa como ninguém. Segundo Almeida, (1903): “A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existência dos bairros pobres, numa cidade onde o operário envelhece sem a menor ideia de conforto”. (ALMEIDA, 1903, p.14).

Pouco tempo após matricular-se na Escola Politécnica de Lisboa, seu pai faleceu, piorando abruptamente a questão financeira da família. O nosso escritor pôs-

se de volta à sua casa familiar e sobreviveu às intempéries da vida laboral, com ajuda do pouco que sua mãe tinha e dando aulas particulares. Após um ano, voltou a Lisboa a fim de concluir o curso de Medicina, e apenas conseguiu esse feito após muita resiliência financeira. Todavia, ao invés de seguir carreira médica, iniciou uma empreitada de viver da sua escrita. Contudo, ele mesmo considera essa atitude como questionável, levando em conta a remuneração de um escritor de jornal comparada à de um médico. À vista disso, seguiu por uma vida não muito confortável, porém, sendo capaz de expor suas revoltas e insatisfações com a sociedade portuguesa, tanto através de suas crônicas quanto de seus contos:

Das suas complexas relações com o poder, resulta um constante ressentimento, um humor ácido e agressivo que o próprio Fialho resume nestes termos: "Sou um egoísta cruel, mergulhado, não como o Hamlet da Dinamarca na sua eterna dúvida, mas no meu frio e amargo egoísmo e numa desilusão sinistra de tudo e de todos" (Fialho de Almeida, 1875). (MATEUS, 2004, p. 21)

O gênero conto

Quanto ao gênero literário a ser por nós estudado, trata-se do conto, que é uma narrativa geralmente curta, de caráter menos complexo, com menos personagens, núcleos conflituosos, tempo e espaço. É um gênero textual que descende das narrativas orais transmitidas há séculos por diversas culturas. No mundo moderno, ele se caracteriza por fazer uma contraposição ao romance, que geralmente é uma narrativa longa e aprofundada.

No entanto, o conto não se caracteriza por ser simplório ou menos criativo, na verdade, esta tipologia literária possui uma particularidade de se mostrar imprevisível e inusual. Ricardo Piglia (2004) argumenta sobre uma estrutura clássica de contos utilizada por Edgar Allan Poe e Horácio Quiroga, em que uma narrativa secundária atravessa a narrativa principal pelos pequenos detalhes e acaba se revelando ao final do conto: "Um relato visível, esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário" (PIGLIA, 2004, p. 90).

A restrição de tamanho do conto determina essas características de tempo, espaço, conflitos e desenvolvimento de personagens de forma mais concisa. Quando um desses elementos possuem um desenvolvimento maior, os outros elementos

tendem a permanecer com essas características restringidas. No geral, os contos possuem poucas páginas, entretanto, definir o conto pela quantidade de páginas escritas acaba sendo um critério pouco relevante, pois há romances com pouquíssimas páginas. Por exemplo, *Iracema*, de José de Alencar, na edição de 1992 da editora Ática, possui apenas 82 páginas totais, se comparado com a edição trabalhada aqui do conto *A Ruiva*, de Fialho de Almeida, que é desenvolvido em 105 páginas somente de texto, sem contracapa, índice e outros elementos que compõem a edição de um livro, percebe-se que se trata de uma produção literária de extensão maior que o romance brasileiro. Portanto, veremos que essa característica é insuficiente. Logo, seria mais interessante, nessa definição, entender o nível de complexidade das personagens, como elas são desenvolvidas em relação às características gerais da narrativa, com os elementos citados previamente.

Esse trabalho pretende investigar a relação de pobreza e morte no conto *A Ruiva*, publicado no livro *Contos* (1881). Por questões de anacronismo ortográfico, usaremos aqui uma edição mais atual do livro, chamada de *A Ruiva e outras histórias*. Essa edição foi publicada digitalmente por uma editora portuguesa intitulada Luso-Livros, sem data, porém, foi atualizada em relação ao novo acordo ortográfico e está disponível em domínio público na internet, por essa edição não ter uma data específica, utilizaremos nas devidas referências a data original da publicação. A análise da obra foi feita a partir da perspectiva da Tanatografia, conforme cunhada pelo pesquisador Augusto Rodrigues da Silva Júnior, da Universidade de Brasília, estabelecendo, então, uma relação entre as personagens, o espaço e o desenvolvimento da narrativa sobre a visão da pobreza e da morte no século XIX.

A Ruiva: pobreza e morte

Publicado originalmente em 1978 e depois compilado no livro *Contos* em 1981, *A Ruiva* é um dos trabalhos prosaicos mais extensos do autor português, pois nunca chegou a publicar um romance. Esse conto poderia muito bem ter sido a entrada de Fialho de Almeida no universo romanesco, assim também vê a crítica literária do autor. Em livro publicado pela Editora Licorne, que na verdade trata-se de uma coletânea de artigos intitulada *Fialho - Cem Anos Depois* (2011) organizada pela Universidade de Évora, Carlos J. E. Jorge destaca:

No entanto, como afirma Pimpão¹ noutro texto acerca da crítica de Pina, este considera-o “uma obra completa”, parecendo-lhe Marcelina a personagem “onde há mais estudo psicológico, onde há mais alma”, contrapondo- -se a João e Carolina (de algum modo, os protagonistas), que, sob a pena de Fialho, se revelam “dois estudos fisiológicos, dois exemplares frios e inertes a que falta todo o calor de uma consciência, a que faltam dois cérebros que pensem, que queiram, que resolvam” (in Ribeiro, 1994: 356). (JORGE, 2011, p. 39)

Ainda assim, é perceptível que lhe faltou a calma para um desenvolvimento mais lento, com uma multiplicidade maior de personagens e núcleos conflituosos para caracterizá-lo como romance. Exceto nos momentos em que o narrador se aprofunda no passado dos protagonistas, a narrativa parece correr para o fim.

O aspecto da preferência pela inconsciente tanatografia do autor também não passa despercebido pela crítica literária, no mesmo artigo, Carlos J. F. Jorge destaca a avaliação de Òscar Lopes²:

(...) o narrador não perde o ensejo de acumular episódios ou quadros degradantes da taberna, cemitério, necrofilia, sedução, lenocínio, prostituição, degenerescência sífilítica e alcoólica, infância faminta, prisão, tragédia de lar e bairro infecto, tísica ao desamparo, agonia no hospital, drama macabro de necrotério, grosseria de cangalheiro e coveiro, enterro miserável sob a chuva. (Lopes, 1987: 180) (apud: JORGE, 2011, p. 41-42)

Nesse conto, conhecemos a história de Carolina, garota que desde seu nascimento é cercada pela morte. Sua mãe, Marta, vendia hortaliças plantadas em um terreno do cemitério, e morreu ao dar à luz a sua filha. Seu pai, chamado de tio Farrusco, era coveiro, dos mais sujos e desleixados que se poderia ter, logo, Carolina cresceu nesse contexto de pobreza e decadência. A garota, desde muito nova, acompanhava seu pai em suas tarefas do trabalho, até que aprendeu também a realizar algumas dessas atividades, e até recebia trocados por cuidar de túmulos que as famílias previamente pagavam para isso. Esse convívio constante com o mórbido fez com que a morte fosse algo normalizado em sua vida, tanto que suas primeiras descobertas sexuais se deram nesse contexto.

O contato com a vida sepulcral e os constantes velórios fizeram-na perceber as condições sociais de cada defunto apenas a partir da investigação sobre os enfeites

¹ PIMPÃO, A. J. da Costa. *Fialho, Introdução ao Estudo da sua Estética*, Coimbra Editora, Coimbra, 1945.

² LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*, 1.º vol, IN-CM, Lisboa. 1987.

que acompanham o cadáver: “Carolina, pelo número e aspeto dos convidados de um enterro, chegara à perfeição de fixar a posição social de qualquer defunto.” (ALMEIDA, 1881, p. 15).

Em *Diálogos dos Mortos*, obra do século II d.C., de Luciano de Samósata, especificamente na conversa entre Nireu, Tersites e Menipo, fica evidenciado a indiferença da morte com os bens materiais, glórias ou beleza em vida, visto que todos se igualam no mundo de Hades. Vejamos:

MENIPO — Estás a sonhar! O que eu vejo é o teu estado actual, e quanto a essas fantasias, conhecem-nas os de outrora.

NIREU — Quer dizer, ó Menipo, que, aqui, não sou o mais formoso?

MENIPO — Nem tu és formoso, nem qualquer outro, pois no Hades reina a igualdade de direitos e são todos iguais.

TERSITES — Isso é quanto me basta.

(SAMÓSATA, 2012, p. 265).

Da mesma forma, Carolina também percebia que todos ali compartilhavam do mesmo destino, independente da vida anterior luxuosa ou inopiosa. Todavia, ela não entendia totalmente a diferença entre vida e morte, já que compartilhava sua rotina ao lado dos mortos desde a infância:

Pode dizer-se que aprendeu a ler no cemitério, quando curiosa na sua pobreza esfrangalhada queria saber os nomes e posições ocupadas no mundo pelos que habitavam aquela branca cidade de mármore, de que se julgava rainha. (ALMEIDA, 1881, p. 14)

Essa característica de indiferença à morte é visível até no modo como Carolina acaba tendo sua iniciação sexual. Nas páginas seguintes do conto, Fialho descreve uma cena de necrofilia, em que o narrador dá a entender que a primeira experiência sexual de Carolina, na sua adolescência, se deu a partir de uma violação de cadáver:

Nas horas de calor, de Verão, quando sob os ciprestes os empregados do cemitério dormiam, ia devagarinho, sem ser pressentida, à casa dos depósitos, escolhia os cadáveres dos moços, dos belos, se os havia, e como um pequeno vampiro sequioso entreabria as mortalhas, despregando com uma navalhinha as camisas; metia a mão devagarinho pelo peito, metia, escorregando-a ao longo das carnes, beliscando-as levemente, com prazer; o olhar dilatava-se-lhe, havia na sua face uma mancha de excitação, mordida os lábios, exaltada; e, palpando, estudando, compreendendo e adivinhando, ficava absorta, um pouco curvada sobre os corpos, o hálito ardente, uma palpação larga e cheia de ímpeto. A sua imaginação rasgava as névoas indecisas que, diante da inteligente maldade, a sua inexperiência despregava como uma máscara casta e límpida cheia de placidez. Estas explorações fizeram-na muito cedo mulher, preparando-a a compreender mistérios e umas

meias frases que ouvia aos gatos-pingados, se passavam por ela. (ALMEIDA, 1881, p. 17)

Entretanto, isso não quer dizer que a ruiva vivia em paz com esses atos ou por sua condição social, ela era atormentada psicologicamente por coisas que sequer era capaz de entender:

Havia, no entanto, dentro dela, ainda, uma coisa ideal e inexplicável, certa virgindade infantil: de noite rezava! Vinham-lhe tristezas íntimas, a insônia triturava-lhe por vezes a saúde como num almofariz de bronze. Sem saber porquê, era desgraçada. (ALMEIDA, 1881, p. 18)

Para o historiador francês Philippe Ariès, em seu livro *A história da Morte no Ocidente* (1977), havia na Europa, especificamente entre o século XVI e o século XVIII, uma relação próxima entre Eros e Tânatos, ou seja, uma proximidade entre a morte e o sexo, traduzindo-se numa certa obsessão pelo mórbido e pelo erotismo macabro. Essa característica pode ser percebida também no conto aqui analisado, por exemplo, as descobertas sexuais da nossa protagonista se deram num contexto de morbidez indiscutível. Carolina, ao explorar corpos de jovens recém mortos na casa dos depósitos, revela-se como um desses momentos em que essa relação próxima de Eros e Tânatos estão evidentes no nosso conto.

Da mesma forma, a crítica literária percebe essa relação entre morte e erotismo, mesmo em momentos em que isso não está explícito. Miguel Felipe M. (2011) diz que os personagens, imersos na devassidão e no vício, associam erotismo, violência e morte, ao mesmo tempo, expressam a dinâmica freudiana do desejo de fusão com o outro, enquanto encarnam uma visão sombria e amaldiçoada do mundo. Isso reflete-se nas noites lisboetas, nos carnavais, nas tabernas e nos bordéis que suas descrições tão detalhadas aparecem na narrativa.

Posteriormente, após os festejos do dia de Nossa Senhora dos Prazeres, é apresentada à Senhora Marcelina, personagem que será responsável pelo desenvolvimento de Carolina na juventude. Senhora Marcelina foi a ama de um padre da cidade, trabalhava consertando cadeiras e encontrando criadas às famílias, trabalhos informais comuns de pessoas da época. Ela tinha uma personalidade cativante e na ausência de uma figura materna cumpriu a função de mãe e amiga, até mesmo nos cuidados com Carolina:

Quando estivera doente, com tosse e muita febre, ninguém dizia que ela escapava, a senhora Marcelina vinha dar-lhe caldos e fazer meia junto do seu leito de proletária. Havia dois anos. Mas não se davam muito; a Marcelina era mais das outras em frente, falava com elas de janela para janela, grossos risos e pesadas graças. E ratona, então, como nunca se vira. O que sabia de frades, e do poeta Bocage!... Era arrebentar de riso, senhores. (ALMEIDA, 1881, p. 26)

Percebe-se que, ao longo de seu desenvolvimento, conforme vamos conhecendo a personagem, Marcelina consegue criar uma relação de confiança e intimidade com a protagonista, e isso abre a possibilidade para falar de namoros com a jovem ruiva. Em seguida, ao que os rumos das conversas levam, percebemos que Marcelina também atuava como proxeneta de jovens desamparadas socialmente, ou como no caso de Carolina, arranjava casamentos entre essas pessoas, e que se aproximou da ruiva possivelmente já com essas intenções. Marcelina faz um convite à garota, convite de um encontro particular com um belo jovem, aprendiz de marceneiro, chamado João.

Após ter recebido a proposta de dona Marcelina ao encontro de João, Carolina passa a noite inteira fabulando situações com o seu par. Tais fabulações deixam claro a vontade da personagem de ser reconhecida socialmente, e, além disso, alcançar os anseios de suas próprias vaidades também:

Tinha projetos, predileções, vaidades. Iria comer petisqueiras de truz na frescura dos retiros, sob parreiras verdes, enquanto, na encosta, lavadeiras batem roupa. Teria vestidos azuis, de merino, ricos lenços de seda com ramos, uma sombrinha e anéis, alguma coisa como uma opulência. [...] (ALMEIDA, 1881, p. 31).

Como disse Luís Soares — personagem da classe abastada fluminense, mimado, herdeiro e preguiçoso, citado na epígrafe desta monografia — “A pobreza já é meia morte”. (ASSIS, 1870, p. 23). Sendo assim, Carolina viveu metade morta até então, a possibilidade de experimentar alguma vida traz uma pulsão de energia que a deixa acordada por toda a noite, algo que antes só acontecia devido aos pesadelos com os mortos. Em sociedades que a mobilidade social é muito difícil, notadamente para as mulheres, a prostituição passa a ser um sonho de rápida fuga dessa realidade, ao mesmo tempo em que se torna uma alternativa para não morrer de fome:

Que farta estava daquela pobreza, comer açordas com alho, andar feita chineleira, aí como um diabo, com as saias todas rotas! Raio de vida! Ao menos, em ele sendo o seu João, a coisa ia melhor. (ALMEIDA, 1881, p. 35)

Após deliciar-se na imaginação de uma vida mais digna, ela se convence de que a vida da prostituição talvez não seja opção tão ruim assim. As histórias relatadas por Dona Marcelina ajudaram-na a perder o medo e a vergonha de tal profissão, como no caso da peixeira que fedia a quilômetros e que agora vivia em uma boa casa com um fidalgo. Observemos:

A tia Marcelina conhecia uma que fora peixeira, pé descalço por essas ruas, a vender carapaus, um fedor a peixum de seiscentos diabos, e agora estava uma opiniosa com um fidalgo, num primeiro andar, ricas cortinas de rendas nas janelas. (ALMEIDA, 1881, p. 35)

Marcelina falou também dos padres como bons contratantes, afinal eram limpos e lhes concediam certas regalias nas missas. Além de diversas outras pessoas que viviam bem graças à tal profissão. Ademais, para uma moça pobre, a prostituição não se via como algo além do natural, era o que a salvaria da morte em vida, pelo menos era o que se fazia acreditar.

Pois, a sociedade portuguesa, apesar de atualmente não ser um crime, sempre relacionou a prostituição à marginalidade, como diz o cientista social Carlos Montaña:

Em 2012, Ferreira analisou os dois principais jornais portugueses e concluiu que, embora não sendo a prostituição um crime, ela aparece na imprensa escrita fortemente associada à criminalidade. De acordo com esta análise, os crimes mais frequentemente relacionados com a prostituição são a exploração sexual e o homicídio e, em menor escala, o roubo. Ainda mais, nos jornais que foram analisados, no que diz respeito à prostituição, existe uma predominância de eventos negativos em relação aos positivos. (MONTAÑO, 2012, p. 270-287)

Essa característica conservadora da sociedade portuguesa não é recente. Portanto, esse fato evidencia o desconhecimento e também a falta de opção de Carolina em relação às opções de subsistência, um casamento arranjado ou a prostituição seriam os caminhos com maior probabilidade de ascensão social para alguém que saiu desse contexto de miséria.

Na madrugada, após ouvir os sinos de um velório, Carolina recorda-se de seu pai, provavelmente trabalhando até tarde nas terras fúnebres do cemitério:

Ele estava talvez dormindo nos seus farrapos, no coração de um velho túmulo profanado, entre caixões esquecidos. Ou perseguido pela insônia — talvez não tivesse ido ao Pescada — pensava nela porventura, na sua solicitude de

pai, porque também têm coração os coveiros, mercê de Deus! E ela, sua filha, pensava em abandoná-lo, em fazer-se servir como uma isca de fígado aos cocheiros e aos trabalhadores, com redução de preços! Roçava então pela miséria do coveiro a sua piedade como uma asa de gaivota, e pensava: — Pobre velho! (ALMEIDA, 1881, p. 37)

Ao ponderar sobre a situação de seu pai, bem como sobre a sua própria, a aflição e tristeza abatem-lhe o ânimo, cogita o suicídio: “A ideia de morrer aparecia-lhe difusamente, envolta numa fotosfera de sofrimentos.” (ALMEIDA, 1881, p. 37). Até então, é perceptível que a relação das condições econômicas e sociais precárias de Carolina refletem nas suas ações autodestrutivas, no entanto, faz-se necessário definir o que é pobreza. Dentro da análise marxista, não existe uma teoria que discorre especificamente sobre a pobreza, no entanto, existe um fator inerente ao acúmulo progressivo de capital pelos grandes burgueses que resulta no processo de empobrecimento parcial ou absoluto da classe trabalhadora, como diz María Fernanda Escurra:

Um dos fatos que expressa o caráter antagônico da produção capitalista é que a acumulação de capital determina, necessariamente, a criação de uma população supérflua às suas necessidades médias de acumulação e gera diferentes processos de pauperização da classe trabalhadora (pauperização relativa e absoluta). (ESCURRA, 2019, p. 136)

A teoria da pauperização seria uma forma de analisar as perspectivas da pobreza dentro da análise marxista. No entanto, alguns autores, afirmam que criar essa teoria nunca foi o objetivo de Karl Marx, como é o caso de Rosdolsky:

Sobre a existência ou não de uma “teoria da pauperização” de Marx, parece relevante levar em conta também as considerações desenvolvidas por Rosdolsky (1989) ao perguntar “se por acaso o próprio Marx não formulou a lei da pauperização” e se ela não pertence às “pedras fundamentais de seu sistema”. Pergunta essa que o autor responde de forma categórica: “de maneira nenhuma” (1989, p. 336) (ESCURRA, 2019, p. 137)

Todavia, o trabalho de Marx aponta para as causas de uma população que sempre sofre em relação ao acúmulo de poder econômico burguês. No capítulo 23 de *O Capital*, livro 1, intitulado de “A Lei Geral de Acumulação Capitalista” o pensador aborda os processos que remetem as consequências da pobreza dentro do cenário capitalista europeu e mundial:

A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de

reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazarentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista. (MARX, 2013 p. 875)

Portanto, Marx diz, aqui, com outras palavras, como o sistema capitalista mantém grande maioria da população sempre próxima da miséria, funcionando como uma reserva de mão de obra da burguesia, para manter os acúmulos de capitais sempre em progressiva ascensão. Como aconteceu em 2022, por exemplo, nos casos de demissões em massa pelas empresas da área de Tecnologia da Informação (TI), assim aponta a redação do jornal ItForum (2024):

A onda de demissões no setor de tecnologia, que começou em 2022, segue em 2024 com força total. Nos primeiros sete meses do ano, mais de 60 mil empregos foram cortados em 254 empresas, incluindo gigantes como Tesla, Amazon, Google e Microsoft, de acordo com o Layoffs.fyi. (ItForum, 2024)

Para depois contratar novamente os mesmos trabalhadores por um salário inferior, como destaca a jornalista Bruna Miato no portal de notícias G1 (2021): “Profissionais do setor e analistas observam um congelamento ou até diminuição nos valores oferecidos nas contratações nos últimos meses”. Isso acontece, mesmo nesse contexto de crescimento absurdo no faturamento das empresas de tecnologia, como aponta também, essa notícia da BBC por Cristina J. Orgaz:

Alphabet (controladora do Google), Apple, Amazon, Meta e Microsoft ganharam juntas cerca de US\$ 327 bilhões em 2023, 25,6% a mais do que no ano anterior. Um número próximo, por exemplo, do PIB total da Colômbia ou do Chile. (ORGAZ, 2023)

Com isso, conclui-se que a relação da exploração do trabalho visando o lucro exacerbado e a pobreza da classe trabalhadora estão diretamente ligadas, tanto pelos apontamentos teóricos de Marx, quanto por dados da realidade contemporânea. Quanto aos estudos estatísticos sobre a pobreza em Portugal, eles são recentes demais para se fazer uma análise no contexto em que o conto foi originalmente escrito, assim é o que diz o texto de introdução do livro “Pobreza e Exclusão Social - Contextos, Transformações e Estudos” organizado por Fernando Diogo, Alexandra Castro e Pedro Perista (2015):

A pobreza e a exclusão social são traços caracterizadores da sociedade portuguesa. O elevado número de indivíduos nesta situação ao longo dos tempos assim o indicia. A produção de estatísticas confiáveis e regulares sobre a temática é, porém, recente, começando a ser uma realidade sobretudo a partir da década de 90 do século XX e, ganhando regularidade a partir de 2003, com a instituição do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (ICOR), parte do inquérito europeu European Union Statistics on Income and Living Conditions (EU-SILC). (DIOGO et al, 2015)

No entanto, a própria literatura nos fornece exemplos de como esse problema se arrasta há séculos. Fialho de Almeida, como um representante tardio do realismo/naturalismo português, busca através de seus personagens representar a realidade que testemunhou como um boticário na cidade de Lisboa. Dentro do conto *A Ruiva*, por exemplo, nos deparamos agora com o personagem chamado João, o qual através do intermédio de Marcelina, declarou interesse em um relacionamento com Carolina. Ambos demonstram interesse um pelo outro, contudo, em certo momento, João toma uma atitude agressiva em relação à pequena ruiva, ele a toma à força junto a seu corpo, como se tivesse direito sobre ela, como se ela fosse uma sua propriedade:

A Marcelina ergueu-se para pôr o xale rico e ia andando. Carolina ergueu-se para segui-la. Mas João agarrou-a pela cinta e, com voz alterada, quase gutural, dizia-lhe, atraindo-a si, corpo a corpo:
— Olha lá, espera, olha lá.
Erguera um pouco o busto, e com inabalável teimosia puxava as saias da rapariga.
— Esteja quieto, podem ver. Mau!
Ele porém não a escutava.
— Não te vais daqui, não te hás de ir daqui — murmurava-lhe ao ouvido. Todo o seu esforço era para apanhar-lhe a cara; tinha a respiração sifilante, e um tumulto de sangue turgescera-lhe as cordoveias do pescoço.
— E o beijo que me deves, o beijo que me deves? Dá-mo!
(ALMEIDA, 1881, p. 43)

Pela atitude grosseira e agressiva de João, fica claro logo no primeiro encontro que ele nunca teve a intenção de tê-la como esposa, provavelmente ele só desejava realizar seus prazeres carnavais com uma jovem ainda intocada. Infelizmente, Carolina não percebe isso da mesma forma, e segue no encontro com o aprendiz de marceneiro.

Em seguida, eles entram num estabelecimento para ter um quarto, mas antes, pediram uma refeição. Nesse local, João busca convencê-la a uma visita na casa de Marcelina. Carolina primeiramente recusa a proposta de João, por medo do que os

vizinhos possam falar, e, de que seu pai acabe descobrindo, no entanto, ele insiste, ela cede e acaba negociando com ele um horário em que poderiam se encontrar: “— Pois sim, pois sim — disse ela —, mas às duas horas, ouça bem, às duas horas, quando não houver luz nas janelas, das tais.” (ALMEIDA, 1881, p. 52)

Após isso, o narrador relata que o aprendiz de marceneiro chegara atrasado e visivelmente cansado ao trabalho no dia seguinte, e de maneira muito sutil começa a relatar a infância do nosso personagem. João foi uma criança que sofreu diversas violências, não recebia a mínima cautela tutelar e vivia sujo pela cidade. Seu pai, um pedreiro e alcoólatra abusivo, obrigava-o a trabalhar entregando jornais, e caso voltasse para casa sem dinheiro suficiente sofria as penas de uma surra tão brutal que sempre temia pela própria vida. Acompanhemos mais um trecho do conto:

De manhã cedo, ainda escuro, ia descalço e cheio de lama às redações comprar os jornais do dia, numa pasta sebenta, que encontrara numa escada. E, caminho dos bairros distantes e ainda adormecidos, sob a luz vacilante dos lampiões, lá ia apregoando o Diário de Notícias e o Popular que saiu agora a dez réis. Gastava assim a manhã. Algumas vezes, pequenino e todo roto, a carne suja transida do frio, deixava-se dormir nas escadas, com a pasta por travesseiro. E esquecia-se, no sono, da venda dos Populares. Recolhia a casa carregado, com os jornais intactos; davam-lhe tarefas monumentais, com uma corda molhada, nos rins. De uma ocasião perdeu as cautelas, pôs-se a chorar com a pasta por travesseiro. E esquecia-se, no sono, da venda dos Populares. Recolhia a casa carregado, com os jornais intactos; davam-lhe tarefas monumentais, com uma corda molhada, nos rins. De uma ocasião perdeu as cautelas, pôs-se a chorar na rua, cheio de medo. Quem passava queria saber o que era; ele, soluçante, dizia a sua desgraça, estorcendo as mãos. (ALMEIDA, 1881, p. 52-53)

Essa situação acabou por fazê-lo tomar uma decisão muito difícil, se voltasse para casa, possivelmente morreria de apanhar do pai, porém, permanecer a noite na rua também não é um bom destino para qualquer criança. Sem opções a serem tomadas, acabou por permanecer na rua: “Ele sentia, no meio da felicidade dos outros, pesar-lhe a sua miséria, como um globo de chumbo do pesa-mundos.” (ALMEIDA, 1881, p. 53). Até então, a única criatura que tinha sido benevolente com o pequeno João tinha sido sua mãe, e por isso ele nutria um grande amor por ela.

João, assim como Carolina, fabulava sobre a ideia de ter o que desejava:

Ser rei era para ele muito mais que ser Deus; e fantasiava uma existência inaudita e fenomenal, se fosse rei. Teria camisas de chita, de quadradinhos, camisolinhas de flanela, boas botas de Inverno, um relógio, cadeia com pingentes, mais cara ainda que a do vizinho Maurício (ALMEIDA, 1881, p. 55)

Essa citação evidencia claramente o desejo de João de abandonar aquela realidade de violência, opressão e pobreza que o oprimia desde tenra idade. Logo, começou a considerar não voltar nunca mais para casa, poderia ao menos se alimentar vendendo os jornais e o que restou das cautelas, dormiria nas escadas dos prédios, moraria na rua. Apenas uma coisa conturbava essa ideia:

Mas a sua mãe, aquela pobre mulher palidamente mártir, tão sofredora e tão resignada, que seria dela, sem o filho? Como poderia a pobre criatura, de uma fragilidade triste, suportar as brutalidades do marido? E lembrava o seu perfil engelhado e seco de privações, os seus olhos amortecidos de dores antigas e o seu peito esfacelado de tosses, côncavo e velho, de que ele pendera pequenino, guloso de mama e envolto em mantilhas frescas. (ALMEIDA, 1881, p. 60)

Devido a sua afeição pela mãe, resolveu visitá-la na casa do pai no dia seguinte, entrou devagar, vasculhou os cômodos, o pedreiro não estava em casa. Apesar da breve felicidade que isso causou, a forma como ele a encontrou foi aterradora:

— Mãe! —' Ela gemeu alguma coisa confusa, mas a sua cabeça caiu, outra vez, numa prostração desolante. Enrolava a cabeça num xale; um sulco negro descia-lhe da testa à face, inflamada e ardente. O lábio escorria sangue, rasgado por alguma pancada. O João descobriu docemente a cabeça da pobre mulher, procurava com beijos dizer a sua pena. E, em súplicas balbuciadas, de aflição sincera, dizia que lhe perdoasse, contava as asperidões da noite anterior, as suas misérias, a perda das cautelas entre gente indiferente e cínica, que lhe chamava vadio.
— Triste de quem é pobre, lamentava ele, triste de quem é pobre! (ALMEIDA, 1881, p. 61-62)

João encontrou a mãe praticamente morta, devido às agressões sofridas na noite anterior, o narrador descreve como tudo aconteceu de modo meticuloso e naturalista. A violência do pedreiro foi tão grande que perturbou os vizinhos a ponto de chamarem a polícia, e por isso, levaram-no preso. Contudo, os populares nada fizeram para ajudar a senhora que sofrera com as agressões do marido. No dia seguinte, aos cuidados do filho, ela ainda ardia de febre, não se sabia se havia fraturas internas, não houve tratamento algum. A vizinha Joaquina foi a única a preocupar-se com a enferma, todavia, apenas trouxe um caldo e duas maçãs, reconheceu que a situação estava feia e foi embora.

Não apenas esse momento, mas toda a narrativa de João reflete a ineficiência do estado em promover saúde, segurança e informação para as classes menos

afortunadas, principalmente se tratando de Portugal do fim do século XIX. Pode-se dizer que há uma pauperização absoluta da classe trabalhadora, que se mostra nas situações de miséria e violência familiar pelas quais as personagens passam.

Joaquina reaparece novamente para oferecer ajuda à mãe de João, entretanto, não há muito que ela possa fazer. Então, Joaquina consegue chamar alguns conhecidos para levá-la ao hospital, assim a cena sucede-se:

Ao anoitecer, a doente, empacotada numa maca, foi aos ombros de quatro galegos para o hospital. Era um cortejo doloroso. As mulheres chegavam às portas, arregaçadas, no meio de filhos descalços. Algumas diziam — coitadinha!... de uma janela, a costureira explicava o caso para o segundo andar, e duas ou três tinham lágrimas e torciam os aventais, lamentando as coisas deste mundo. (ALMEIDA, 1881, p. 70).

O garoto foi expulso após a mãe ser acolhida no hospital, chorou muito, sentiu-se sozinho e com muita saudade. Infelizmente, não havia muito o que fazer, retornou para casa:

Quando entrou em casa teve medo: uma solidão mortal na cozinha, as ratazanas tripudiando no saguão; abandono, pobreza em tudo. E seria assim sempre! O pai na prisão. A velha no hospital. Que desgraça, que desgraça a sua!. (ALMEIDA, 1881, p. 71)

Há uma revolta com razão sobre seus infortúnios, há também uma certa relutância ao luto da parte de João, visto que sua única figura de apoio familiar está prestes a perder a vida, não saber lidar com os sentimentos do luto numa situação de desestruturação familiar como a dele é comum até para adultos. De acordo com o historiador francês Philippe Ariès, a partir do Século XIX, a visão coletiva sobre os hospitais passou por uma modificação, deixaram de ser o local aonde se vai para se curar e passou a ser o local aonde se vai para morrer:

Continua tendo essa função curativa, mas começa-se também a considerar um certo tipo de hospital como o lugar privilegiado da morte. Morre-se no hospital porque os médicos não conseguiram curar. Vamos ao hospital não mais para sermos curados, mas precisamente para morrer (ARIÈS, 1977, p.

Então foi isso que a sucedeu, a mãe de João morreu sem que soubéssemos sequer o seu nome. Devido a isso, João nunca mais voltou a sua casa, foi lentamente tornando-se um malandro de rua, vivia entre tabernas e becos, aprontava das suas, tinha uma turma de seguidores e viveu todos os males que a aspereza das ruas pode oferecer:

Entre os da sua idade começou a ter predomínio; era o das partidas subtis, o que comandava as troças que o bando fazia aos velhos, o que ia gritar nas escadas, o que armava intrigas, desenvolvia contendias, e nos magotes repartia socos e pontapés, no meio da grita e das risadas dos taberneiros. Durante dois anos viveu esta boémia das ruas, tripudiando no meio ínfimo a sua turbulência e a sua alegria. Às vezes tinha fome: ia pedir nas ruas escuras, com o barrete na mão, a quem passava. E o seu coração sofria todos os maus modos e todas as humilhações, sem rebeldia. (ALMEIDA, 1881, p. 79)

Em seguida, é relatado pelo narrador que João foi preso numa espécie de colégio interno, talvez uma instituição parecida com o Centro Educativo de Vila Fernando, que teve como objetivo “educar jovens problemáticos de todo o país através do trabalho agrícola e da pecuária”, de acordo com o site Revive Turismo de Portugal. Ele sofreu como penitência o cárcere, porém, a prisão educacional, extremamente violenta, terminou ao menos servindo como espaço de promoção de alguma instrução formal, estudou e fez cursos durante sua estadia, além de ir às missas aos domingos:

Ali tomou ele próprio, aprendendo a ter asseio, correção e aprumo; aos dezoito anos o Ferreira tomou-o para aprendiz; era uma pessoa cheia de si própria, estatura avantajada, completamente formada, que passara incorruptível no meio viciado do hospício, resistindo aos vícios mórbidos e fatais da caserna, e salvo, numa palavra, da ociosidade e do desprezo de si mesmo. (ALMEIDA, 1881, p. 80)

Após esse retrospecto da vida de João, o narrador retorna para a narrativa do casal. Eles combinaram de sempre se encontrarem à noite, depois do expediente da oficina. Perderam o medo dos vizinhos fofoqueiros, caminhavam e conversavam sobre seus negócios pela cidade. Após revelar algumas intimidades do casal e o medo de Carolina que seu pai descobrisse os namorados se encontrando em casa, o narrador faz uma descrição bem detalhada sobre a noite de Lisboa. Em certo momento, a ruiva chega até fazer alguns comentários invejosos sobre os aspectos da cidade que não pode usufruir:

e Carolina, invejosa da vida que não vivia e da opulência que a deslumbrava, ia picando as cenas de comentários amargos, um vago rancor de proletária. O João murmurava de vez em quando: — Isto é o tom, isto é o tom! (ALMEIDA, 1881, p. 82)

A pobreza de Carolina e de João refletiram-se num sentimento comum: o ódio aos mais abastados. Em seguida, o narrador descreve uma cena em que eles passam

a noite amando-se e fazendo juras de amor um ao outro. Esse comportamento acaba culminando neles irem morar juntos, o que não passa despercebido pelos vizinhos:

Afinal o João fez conduzir para casa da rapariga o seu baú, os seus arranjos. A vizinhança falou do escândalo, nunca se vira uma pouca-vergonha assim, o mundo estava perdido. Muitos diziam: — Já a comadre bebe! Mas deixa que o pai saberá... (ALMEIDA, 1881, p. 83)

Posteriormente, é descrito pelo narrador o local em que o casal se acomodava, aspectos descuidados, móveis sujos e velhos, o reflexo natural da pobreza de Carolina:

Não se lembrava de olhar em torno de si, no desleixo da casa, nua, repartida em compartimentos baixos e retangulares, sem luz e esfolados nas ombreiras, com laivos de oca barbarescos no rodapé. Pelas paredes encostavam-se móveis antigos e coxos; leitos de ferro, de varais tortos, tinham colchões estripados e cobertores de uma farrapice sórdida; em volta nem um objeto limpo e cuidado, nem uma cor alegre e rutilante, em que a vista pascesse uma satisfação honesta; todas as formas duras e cruas das coisas tinham um desleixo antigo, de anos, e desmantelavam-se como bem lhe parecia. Pelos aspetos, via-se a história de Carolina, a sua orfandade, as ausências do coveiro na desolação das covas, como um desterrado. (ALMEIDA, 1881, p. 84-85)

Segundo o cientista social Manuel Carlos Silva (2015), a desigualdade social implica na apropriação ou usurpação privada de bens, recursos e recompensas, o que implica competição e conflito. Carolina, por exemplo, viveu por toda sua vida privada desses bens e recursos, sendo assim, sua história foi marcada pela exclusão social. É lógico que nessa situação, o conflito interno que se gera, acaba nutrindo um sentimento de ódio ou desprezo por aquilo que não se pode ter ou pelas pessoas que usufruem de confortos e prazeres que não lhe dispõem.

O desleixo de Carolina em relação aos afazeres de casa foram piorando cada vez mais. Até um momento em que João, que também não contribuía com a limpeza ou lavagem de roupas, passou a exigir de Carolina tais tarefas. Ela buscou ajuda à Marcelina, ainda assim, foi incapaz de realizar corretamente o que lhe foi pedido, isso afetou completamente seu humor e psicológico, chorava muito sentia-se pior que o lixo por não ter nascido sabendo. Em certo momento, o aprendiz de marceneiro até tentou consolá-la, mas suas maneiras agressivas acabaram por não adiantar muito.

Devido a isso, o relacionamento do casal foi naturalmente desgastando-se com o passar do tempo, isso piorou quando João pôs-se a comparar as moças da rua com

a ruiva e os homens que passavam na rua consigo mesmo, e por conta disso via nos transeuntes aquilo que não tinha na própria relação, isso permaneceu até o ponto em que João cansou-se completamente de Carolina.

Ela sentia-se muito burra e incapaz por não satisfazer as necessidades maritais de João. Ainda assim, ela permanecia com aquela personalidade preguiçosa e desleixada, até tentava realizar as diversas atividades da casa, mas pouco depois desistia e deitava-se. Esse elemento da narrativa naturalista é bastante criticado pelo filósofo e crítico literário húngaro, G. Lukács, em seu ensaio *Narrar ou Descrever?* (1965). Essa crítica acontece, entre outros aspectos, pelo movimento naturalista reduzir os indivíduos a características biológicas e instintivas, negligenciando a complexidade da consciência humana e sua interação dialética com a sociedade.

Além disso, os personagens do naturalismo costumam ser sempre resultado do seu meio e nunca demonstram uma modificação de perspectiva em relação a sua própria realidade, algo que não condiz com o realismo crítico. Por exemplo, em: "A Ontologia de Lukács e a Restauração da Crítica Ontológica em Marx", Mario Duayer e colaboradores destacam que, para Lukács, o trabalho humano consciente modifica profundamente a natureza, diferenciando o ser social das determinações meramente biológicas (DUAYER; ESCURRA; SIQUEIRA, 2013, p. 274). Essa perspectiva enfatiza que a abordagem naturalista, ao focar apenas nos aspectos biológicos, falha em capturar a essência da subjetividade humana e sua capacidade de transformar a própria realidade social.

Após os ocorridos com o João, a nossa personagem começou a notar a progressiva indiferença do aprendiz de marceneiro, e com isso foi nutrindo sentimentos conturbados em relação ao parceiro, inclusive ciúme exacerbado. No trabalho, João sofria com piadinhas e conversinhas zombeteiras dos colegas. A desconfiança de Carolina teve uma significativa piora depois de conversar com Marcelina a respeito de João, afinal, se ela estava infeliz e desconfiada, largar o marido não seria o fim do mundo: “— Se ele te não quiser, filha, não morrerás de fome por isso. Graças a Deus, enquanto houver homens, qualquer mulher se governa. Tive muito disso, tive. Ai!... Tomara-me nesse tempo!” (ALMEIDA, 1881, p. 97) Ao fim da conversa, acabou por incitar ainda mais desconfiança na ruiva, sugerindo que o aprendiz de carpinteiro traía-lhe:

— Sabes tu, sabes tu? Vai todas as noites ao Moinho de Vento palestrar com uma sirigaita do primeiro andar, mesmo à esquina do pátio, por cima da loja de louça. Está ali horas ao relento, a tomar gargarejos: só uma carga de pau!
— Por isso ele vem tarde!. (ALMEIDA, 1881, p. 98)

Carolina tornara-se inconsolável, o resultado das novidades abateu-lhe enormemente o ânimo. Dona Marcelina tentava contornar a situação, dizendo que teria trabalho nas fábricas, sugerindo até mesmo a prostituição. Em seguida, o narrador acaba por descrever os sentimentos internos da nossa protagonista:

Vivera sempre em si própria, sem a reminiscência de uma carinho que alma piedosa lhe houvesse prodigalizado. Quantos beijos deixara roubar aos moços do cemitério e quantas palavras tinha merecido aos gatos-pingados, todas vinham ervadas da mesma ideia e o mesmo intento. (ALMEIDA, 1881, p. 101)

Em seguida, lembrara das atitudes que a levaram a tal situação, em pensamento culpa Marcelina por seus infortúnios: “Carolina ficou hirta perante aquelas insinuações, olhando com os seus olhos cheios de febre a cara franzida, esperta, dessa megera que dominara o seu destino [...]” (ALMEIDA, 1881, p. 103). Todavia, apesar desse ressentimento, Carolina não conseguia largar da companhia de Marcelina. A velha proxeneta passou a ensinar-lhe trejeitos e maneiras para conquistar homens. A princípio fez resistência aos ensinamentos, mas aprendeu tudo com facilidade.

Abandonada por João, decidiu oferecer seu corpo na fábrica de Alcântara. João, cansado e entediado do falso casamento, decidiu não se opor ao meretrício de Carolina, afinal, teria mais tempo para investir em outras mulheres. Aos poucos, Carolina viu-se completamente inserida nesse contexto de prostituição, vejamos:

No caminho encontrava as companheiras, moças alegres e desembaraçadas, cheias de risos, largando chalaças de mordacidade equívoca. E iam todas por ali fora. Os merceeiros dirigiam-lhes afagos pérfidos, apupavam-nas os galegos sujos, os estudantes e os soldados. Que pândega! Respondiam a tudo com grandes risadas bêbedas. (ALMEIDA, 1881, p. 105)

Gradualmente, Carolina aproxima-se de Jerónima, uma meretriz atrevida que ousava até dar encontrões aos policiais, chamando-lhes a atenção, e depois saía às risadas com as outras meninas. Esperavam sempre os funcionários da fábrica após o expediente para a libertinagem às escuras:

“[...] na escuridão do corredor estalavam beijos, pares canalhas escorregavam nas escadas, havia gritos e a chusma em tumulto, numa desordem vadia, atulhava rapidamente o pátio, combinando ceias, encontros, relações impuras. Foi a vida melhor que Carolina viveu. Aquela grande liberdade infiltrara-lhe uma alegria espontânea, uma grande destreza, um vigor manifesto. (ALMEIDA, 1881, p. 106)

Nesse trecho, o narrador deixa desabrochar os instintos naturalistas da ruiva, destacando principalmente quanto a liberdade e “a vida melhor que Carolina viveu” diante de um cenário de orgia animaléscas. Essa rotina na fábrica fez com que a nossa protagonista ganhasse muito dinheiro, passou a ter clientes fixos, mensais, semanais, diários, preferidos, esquecidos etc. Ao mesmo tempo, sua vida tornou-se cada vez mais degradada, passou a aceitar homens em casa, recebendo cada vez menos, fazendo encontros na rua, fugindo da polícia. Em determinado momento, nem se reconhecia mais, sofria ao olhar-se ao espelho. Posteriormente, viciou-se em bebida, cigarro e vivia nas tabernas, pelas ruas procurando clientes, até que foi presa numa emboscada da polícia.

A ruiva morreu na prisão, e o Tio Farrusco foi o responsável pelo seu enterro:

Datam daqui todos os episódios da existência que teve o seu epílogo há três dias, numa das camas da enfermeira de Santa Ana, no Desterro. Foi o tio Farrusco quem cobriu de terra, sem comoção nem saudade, o corpo, espedaçado pelo seu escalpelo, da rapariga corroída de podridões sinistras, abandonada do berço ao túmulo, e pasto unicamente de desejos infames e de desvairamentos vis. (ALMEIDA, 1881, p. 110)

Carolina morreu e não houve ninguém para sentir saudade, remorso ou tristeza, nem mesmo seu pai, que como de costume apenas cumpria seu trabalho com grande indiferença aos mortos. O narrador finaliza o conto dizendo que tem sobre a mesa a caveira da nossa protagonista, e como quem quer dar uma lição de moral, atribui aos tipos da ruiva as prováveis causas da desmoralização da sociedade portuguesa do final do século XIX:

Tenho sobre a minha banca neste momento a sua caveira fria, limpa de películas e cartilagens, branca e escarninha, cujas maxilas escancaram diante de mim, numa careta trágica, a sua concavidade cheia de sombra. Este despojo inerte, rendilhado e esponjoso pelos estragos do hidrargírio, embalde interroga a meditação que me abisma, sobre as causas prováveis da grande desmoralização atual. (ALMEIDA, 1881, p. 110-111)

Hidrargírio é um sinônimo de mercúrio, naquela época, utilizado para tratamento de sífilis, indicando provavelmente a *causa mortis* de Carolina. Conforme diz Philippe Ariès,

As imagens da decomposição e da doença traduzem com convicção uma aproximação nova entre as ameaças da decomposição e a fragilidade de nossas ambições e de nossas ligações. Tão profunda convicção dá à época esse "sentimento de melancolia", intenso e pungente, que Huizinga³ tão bem evoca. A morte era, então, uma coisa por demais familiar, que já nem assustava mais. (ARIÈS, 1977, p. 147)

Nesse trecho, Philippe Ariès (1977) analisa a morte dentro de um contexto europeu medieval do século XIV e XV onde o homem identifica a própria impotência como a destruição física de si mesmo. Nesse contexto, o fracasso social é equivalente à morte, portanto, constrói-se essa familiaridade com o acontecimento do óbito, até o ponto em que o indivíduo, e o coletivo, apresenta-se anestesiado em relação ao trespasse. O que Fialho de Almeida faz aqui é criar um microcosmo que representa essa decadência macrocósmica em relação à visão do ser humano diante da morte no final do século XIX na Europa, que não é tão diferente do atual cenário mundial, principalmente se tratando de países do sul global. O contexto de pobreza, criminalidade, exploração do proletariado, abusos de poder, corrupção e morbidez, cria como resultado a indiferença com o outro e consigo mesmo. Nesse sistema opressivo, o fracasso individual do ser humano é resultado do fracasso coletivo, e isso se reflete na maneira em que lidamos com a morte.

Considerações Finais

A relação entre pobreza e morte é algo que, infelizmente, ainda não pudemos nos desvencilhar como sociedade. Como pudemos ver, o conto *A Ruiva* é repleto da escrita sobre a morte, e principalmente indica essa relação próxima com o contexto social de pobreza, portanto a análise da tanatografia presente no conto torna-se muito rica. Nossos protagonistas, Carolina, João e até mesmo Marcelina nos servem como guia desse microcosmo miserável de Portugal do século XIX.

³ Johan Huizinga, historiador e linguista holandês.

Os apontamentos de Philippe Ariès nos fornecem a base histórica para analisar melhor esse contexto europeu em relação à morte. É importante notar que o historiador aponta tendências gerais de uma época, e não necessariamente, esses aspectos deixaram de existir na sociedade com o fim dos séculos. Possivelmente, as razões para esses aspectos existirem mudaram, já que os processos de produção e relação com o trabalho também se transformaram da passagem do século XV para o século XVIII e XIX. No entanto, eles persistem mesmo nas sociedades industriais, a questão da pobreza, como indicada nesta monografia, é provavelmente o fator que eleva à superfície esses aspectos da morte dentro das sociedades pós-capitalismo.

Fialho de Almeida é um autor controverso, a crítica literária deixa claro que ele não era alguém perfeito, muito pelo contrário, seus textos foram responsáveis por diversas desavenças com outros escritores contemporâneos. Contudo, apenas suas experiências de vida poderiam criar tais apontamentos sobre a classe mais desprivilegiada da sociedade portuguesa da época. As questões levantadas aqui, a partir de seu conto, nascem como uma perspectiva distanciada de sua obra, e que revela uma possibilidade de leitura pouco explorada até então.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José V. F. de. *A Ruiva e outras histórias*. Luso-Livros, 1881. Disponível em: <https://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/index.php?page=13&id=177&db=>. Acesso em: 27 jan. 2025.

ALMEIDA, José V. F. de. *Autobiografia / Eu. À esquina (jornal dum vagabundo)*. F. França Amado, 1903. Disponível em: <https://archive.org/details/esquinajornaldu00almegoog/page/n11/mode/2up>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ALMEIDA, José V. F. de. *Os gatos*. Lisboa, 1893. Disponível em: <https://bedigital.agrmondimbasto.com/view/291/Os%20Gatos%20-%20Fialho%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2025.

ASSIS, Machado. *Contos Fluminenses*. 1870.

DEMISSÕES EM MASSA ATINGEM GRANDES EMPRESAS DE TECNOLOGIA EM 2024. *ItForum*, ago. 2024. Disponível em: <https://itforum.com.br/noticias/demissoes-massa-grandes-empresas-tech-2024/#:~:text=A%20onda%20de%20demiss%C3%B5es%20no,fyi>. Acesso em: 18 fev. 2025.

DIOGO, Fernando; CASTRO, Alexandra; PERISTA, Pedro. *Pobreza e exclusão social em Portugal - Contextos, transformações e estudos*. Edições Húmus, 2015. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/75087>. Acesso em: 16 fev. 2025.

DUAYER, M.; ESCURRA, M. F.; SIQUEIRA, A. V. "A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx". *Katálysis*, v. 16, n. 1, p. 16-28, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/Qvnb9nhHRwScVNkQW87xLrH/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ESCURRA, María Fernanda. "Marx e a pobreza ou a influência do aumento do capital para a classe trabalhadora". *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, v. 18, n. 1, p. 135–145, 2019. DOI: 10.15448/1677-9509.2019.1.31472. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/31472>. Acesso em: 16 fev. 2025.

JORGE, Carlos J. F. "Modos e estilos de escola no trabalho de representação de Fialho de Almeida". In: *Fialho de Almeida - Cem anos depois*. Universidade de Évora. Editora Licorne, 2011.

LUKÁCS, Georg. "Narrar ou escrever?". In: *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MATEUS, Isabel Cristina. "Fialho de Almeida e a modernidade: as cavernas do medo e os monstros da escuridão". In: *Coletânea de Estudos Literários*. Universidade do Minho, 2006. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/64078>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MATEUS, Isabel Cristina. *Kodakização e despolarização do real: para uma poética do grotesco na obra de Fialho de Almeida*. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5a76cabe6b688dd6d5b9e5d145a32a2/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MIGUEL, Felipe M. "Disforia, Carnaval, Alienação". In: *Fialho de Almeida - Cem anos depois*. Universidade de Évora. Editora Licorne, 2011.

MIATO, Bruna. "É o fim da bolha? Vagas de tecnologia devem passar por uma desaceleração dos salários, dizem especialistas". *G1*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2023/04/16/vagas-de-tecnologia-devem-passar-por-uma-desaceleracao-dos-salarios-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PORTO EDITORA. *À Esquina*. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$a-esquina](https://www.infopedia.pt/$a-esquina). Acesso em: 9 dez. 2024.

REIS, Carlos. "Conto". In: *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018. p. 66-69.

SAMÓSATA, Luciano. *Luciano [I]*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SILVA JUNIOR, A. R. da. "Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas". *ComCiência*, n. 163, Campinas, nov. 2014. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 dez. 2024.

SILVA JUNIOR, A. R. da. "Tanatografias e decomposições biográficas: discurso da morte na literatura". *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 30, 2011. DOI: 10.18309/anp.v1i30.185. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/185>. Acesso em: 4 dez. 2024.

TURISMO DE PORTUGAL. *Casa de Correção de Lisboa. Revive – Programa de Reabilitação*, 2023. Disponível em: <https://revive.turismodeportugal.pt/pt->

pt/node/731#:~:text=A%20casa%20de%20corre%C3%A7%C3%A3o%2C%20em,institui%C3%A7%C3%B5es%20do%20centro%20da%20Europa. Acesso em: 20 fev. 2025